



FÉ E RAZÃO NA *INTRODUÇÃO AO CRISTIANISMO* DE J. RATZINGER

Faith and Reason in Joseph Ratzinger's Introduction to Christianity

Evanildo Costeski¹

RESUMO: Nesse artigo, buscaremos compreender a categoria de fé de *Introdução ao Cristianismo* por meio dos conceitos de “salto de fé” e do “Deus da fé e Deus dos Filósofos”. No final, será dada uma atenção ao conceito de amor como síntese do pensamento de Joseph Ratzinger.

PALAVRAS-CHAVE: Deus; Cristianismo; Fé; Razão; Amor.

ABSTRACT: In this article, we will seek to understand the category of faith of *Introduction to Christianity* through the concepts of "leap of faith" and the "God of faith and God of Philosophers". In the end, attention will be given to the concept of love as a synthesis of Joseph Ratzinger's thought.

KEYWORDS: God; Christianity; Faith; Reason; Love.

*A Introdução ao Cristianismo*² foi publicada em 1968, época em que Ratzinger era professor em Tubinga, Alemanha, em meio às controvérsias pós-conciliares e em plena revolução cultural³. O objetivo da obra é expresso logo no seu início, ainda no Prefácio, com a surpreendente parábola do “Joãozinho feliz”. Na história, como o personagem Joãozinho “achasse por demais pesada e incômoda a barra de ouro que ganhara, trocou-a primeiro por um cavalo, depois trocou o cavalo por uma vaca, a vaca por um ganso e o ganso por uma pedra de amolar, e mesmo esta ele acabou lançando na água, pois não se

¹ Doutor em filosofia da pela Pontifícia Universidade Gregoriana (PUG) e professor na Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: evanildoc@uol.com.br

² Cf. RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005. Doravante citado no texto como IC.

³ Sobre o contexto teológico e cultural da redação da *Introdução ao Cristianismo*, abrangendo a chamada “fuga” de Tubinga, ver: SEEWALD, Peter. *Bento XVI – A Vida*. São Paulo: Paulus, 2021, p. 689-722.

dava tento do prejuízo, pelo contrário: achava que tinha ganho, finalmente, o dom precioso da liberdade completa”. (IC, p. 25). Após expor a parábola, Ratzinger pergunta:

Nos últimos anos, a nossa teologia não enveredou muitas vezes por um caminho semelhante? Não reduziu ela aos poucos, com a sua interpretação, as exigências da fé que eram vistas como demasiadamente pesadas, preocupada apenas em não perder o essencial, mas avançando sempre até um ponto que lhe permitisse ousar em breve o passo seguinte? E o pobre Joãozinho, o cristão, que, cheio de confiança, se deixou levar de troca em troca, de interpretação em interpretação, não terá ele finalmente em suas mãos, em lugar da barra de ouro inicial, apenas uma pedra de amolar, da qual poderá desfazer-se também sem maiores prejuízos? (IC, p. 25).

Como lembra Peter Seewald, alguns viram na figura do “Joãozinho feliz” uma ousada equiparação com o teólogo Hans Küng, colega de Ratzinger na Faculdade Teológica de Tübingen, que teria rejeitado a tradição em nome de uma pretensa superioridade da modernidade⁴. Na verdade, o fundo cultural e teológico da *Introdução ao Cristianismo* é bem mais complexo. Certamente, como vimos, Ratzinger fala de uma teologia moderna que acabou inadvertidamente trocando o ouro por uma pedra de amolar. Mas isso não significa que a teologia precisa ficar presa às pepitas de ouro consagradas pelas fórmulas ultrapassadas da tradição: “É nesse ponto que o presente livro pretende intervir: ele quer ajudar a compreender de uma nova maneira a fé como possibilidade de uma verdadeira existência humana no mundo de hoje, interpretando-a sem transformá-la num mero palavreado que tem dificuldade de esconder um vazio espiritual completo”. (IC, p. 26). Longe de ser um texto ultrapassado, a *Introdução* inova ao interpretar a fé por meio da filosofia existencial em voga na época, sem obviamente trocar “barra de ouro por pedra de amolar”.

Nesse diapasão, para tratar da relação Fé e Razão na *Introdução ao Cristianismo*, buscaremos desenvolver dois importantes conceitos: a ideia de “salto de fé”, apresentada no primeiro capítulo (IC, p. 37-40) e a concepção de “o Deus da fé e o Deus dos filósofos”, delineada principalmente no terceiro capítulo da Primeira Parte (IC, p. 103-112).

1. O Salto de Fé em Ratzinger

Sobre a questão do “salto de fé”, destacam-se dois filósofos, ambos citados por Ratzinger: Lessing e Kierkegaard. Após a parábola do “Joãozinho feliz”, Ratzinger lança mão, logo no início do primeiro capítulo, da igualmente famosa parábola do “palhaço de circo”, descrita por Kierkegaard e retomada por Harvey Cox em seu livro *A Cidade do*

⁴ Cf. SEEWALD, Peter. *Bento XVI – A Vida, op. cit.*, p. 714.

Homem. Na história, um palhaço, devidamente caracterizado, tentava avisar a população a respeito de um incêndio que se aproximava do circo e da aldeia. Os moradores não acreditaram nele, imaginando que se tratava de mera publicidade para levá-los às apresentações do circo. No final, o fogo acabou destruindo não só o circo, como também o povoado⁵.

Mas por que principiar com Kierkegaard? Ratzinger não quis começar a *Introdução* com os famosos *Preambula Fidei*, isto é, com uma razão independente da fé, com uma certeza puramente racional, como normalmente se fazia ao se buscar justificar, com a ajuda da razão e da filosofia, a racionalidade da fé. Tampouco quis apresentar uma concepção ampla da fé, uma fé compreendida como um desejo humano, como um impulso natural, como um *élan* individual⁶ para, desse modo, expô-la simplesmente por meio de uma linguagem moderna e “aggiornata”. O seu objetivo é encontrar antes de tudo uma linguagem que possa comunicar para o mundo, sem fazer concessões, a experiência verdadeira da fé cristã, cultivada em sua relação pessoal com Deus. Daí a importância de Kierkegaard e Pascal⁷.

Mas será que basta ao cristão e, em particular, ao teólogo, assim como faz o palhaço, retirar a sua máscara para, desse modo, revelar o seu verdadeiro eu escondido? Na verdade, a situação do teólogo e do cristão é bem mais complicada. Se ele levar a sério a sua missão, perceberá, diz Ratzinger, “a insegurança da sua própria fé e o poder aflitivo da incredulidade presente em sua própria vontade de crer”. (IC, 33). O teólogo deverá conviver com a incerteza e a dúvida, ou seja, com a fragilidade de sua própria fé. Ele terá que suportar as incertezas da ausência de fé e nunca poderá dizer objetivamente o que é a fé.

⁵ Cf. COX, Harvey. *A Cidade do Homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971, p. 270. Nota-se, entretanto, que a história contada por Cox não corresponde exatamente ao texto de Kierkegaard. Em vez de um Circo e de uma Aldeia, tal como está em Cox e em Ratzinger, Kierkegaard fala tão-somente de um Teatro a pegar fogo. Ademais, parece que a referida história foi inspirada em um incêndio muito noticiado à época, que vitimou setecentas pessoas em um teatro de São Petersburgo, a 14 de fevereiro de 1836, conforme informa Elisabete M. de Sousa, tradutora da *Diapsalmata*, obra na qual se encontra a presente história, cf. KIERKEGAARD, Soren. *Ou-Ou – Um Fragmento de Vida* (Primeira Parte). Tradução do dinamarquês, Introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D’Água, 2013, nota 55, p. 61. É óbvio que essa imprecisão histórica não prejudica as reflexões de Cox e Ratzinger.

⁶ Como faz, por exemplo, LUBAC, Henri De. *La foi chrétienne*. Essai sur la structure du symbole des apôtres. Paris: Cerf, 2008, p. 339-367 e BOUILLARD, Henri. *Comprendre ce que l’on croit*. Paris: Aubier, 1971.

⁷ Sobre a influência de Kierkegaard no pensamento de Ratzinger, Peter Seewald informa que o jovem Ratzinger lê avidamente no pós-guerra “livros de Santo Agostinho, Kierkegaard e Newman”, cf. SEEWALD, Peter. “Introdução”, in BENTO XVI: o último testamento. São Paulo: Planeta, 2017, p. 13. Em sua biografia definitiva, Peter Seewald ressalta ainda que Ratzinger comumente utilizava Hölderlin e Kierkegaard em suas discussões com jovens paroquianos e Pascal e Kierkegaard em suas pregações na Catedral de São Paulo em Munique, cf. SEEWALD, Peter. *Bento XVI – A Vida*, op. cit., p. 369; 604.

Todavia, o ônus da dúvida não pertence apenas ao teólogo ou ao crente. O incrédulo também sofre, e muito. E se o Deus da fé for de fato uma realidade? E se ele – o incrédulo – estiver errado? E se Deus realmente existir? Como diz Ratzinger:

Talvez seja justamente a dúvida, que preserva ambos da reclusão exclusiva em seu próprio eu, o lugar em que a comunicação poderá realizar-se. É ela que impede ambos [o crente e o incrédulo] de se fecharem completamente em si próprios, é ela que quebra a casca de quem tem fé, abrindo-o para aquele que duvida, e abre a casca de quem duvida para aquele que tem fé; para um, a dúvida é a sua maneira de participar do destino do incrédulo, para outro é a forma que a fé encontra para continuar sendo um desafio para ele (IC, 36-37).

In dubio pro reo, apregoa esse clássico preceito jurídico. *Mutatis mutandis*, cremos que é perfeitamente possível aplicá-lo à fé cristã, tal como a compreende Ratzinger. É verdade que, como foi expresso acima, em princípio, é a dúvida que domina tanto a vida do incrédulo quanto a do crente. Como diz Pascal: “Se somente se devesse fazer alguma coisa com certeza, nada se deveria fazer pela religião, pois ela não oferece certeza”⁸. Todavia, como bem mostra Ratzinger, por meio da história do Rabi Levi Itsaque com o incrédulo iluminista, registrada por Martin Buber e narrada ainda no primeiro capítulo da *Introdução ao Cristianismo*, “talvez seja verdade”. (IC, 36)⁹. Ora, é justamente o “talvez”, isto é, a dúvida, colocada em prol da fé, que torna o famoso argumento da aposta de Pascal, não obstante a sua frieza matemática, tão atraente para Ratzinger. Conforme nota Pascal, é mais vantajoso apostar na fé – ir à missa, utilizar água benta etc – do que, simplesmente, ignorá-la¹⁰. Isso há de tornar o apostador ingênuo [*s’abêtir*] e o levará invariavelmente à fé (IC, p. 131-132)¹¹. Mas seria essa aposta um salto no escuro? Esse

⁸ PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 101 [Edição Bru, frag. 234: Col. “Os Pensadores”].

⁹ Eis como Ratzinger relata a história contada por M. Buber: “Um dos iluministas, um homem muito culto, tinha ouvido falar de Berditshever. Então o procurou para discutir com ele, como era seu costume, para refutar os argumentos atrasados que ele usava para provar a verdade de sua fé. Quando entrou na sala do Zadique, viu-o andar de um lado para o outro, com um livro na mão, refletindo com todo fervor. Nem reparou no recém-chegado. Depois de algum tempo parou, olhou distraidamente para ele e disse: ‘Mas talvez seja verdade’. Em vão o erudito juntou toda a sua auto-estima; as pernas começaram a tremer-lhe, porque a visão do Zadique era terrível, assim como foi terrível a sua sentença singela. O Rabi Levi Itsaque voltou então toda a sua atenção para ele e disse serenamente: ‘Meu filho, os grandes da Torá, com os quais você discutiu, gastaram as suas palavras em vão, porque quando você foi embora, riu-se deles. Eles não foram capazes de colocar Deus e o seu Reino na mesa diante de você, nem eu posso fazer isso. Mas pense, meu filho, talvez seja verdade’. O iluminista juntou todas as suas forças interiores para dar uma resposta à altura, mas o terrível ‘talvez’ que lhe ressoou nos ouvidos quebrou toda a sua resistência”. (IC, 36).

¹⁰ Sobre o argumento da aposta, conferir DUFLO, Colas. *O jogo: de Pascal a Schiler*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, p. 27-36.

¹¹ Ratzinger comenta aqui a polêmica em torno da expressão francesa *s’abêtir* (*bestificar-se*, tornar-se estúpido e/ou idiota), que tanto chocou Victor Cousin no início do século XIX. Entretanto, como bem mostrou Leon Brunschvicg, *s’abêtir* significa, no sentido dado por Pascal, “retornar à infância para atingir as verdades superiores, inacessíveis à curta sabedoria dos semi-sábios. Nada é mais conforme à razão do que desmentir [retratar/negar] a razão”. Na verdade, Pascal não está falando como cético, como pensava

não seria o caso de Pascal, que, como anota Ratzinger, expressa o seu argumento com uma clareza matemática aterradora e uma sagacidade quase insuportável. Entrementes, um problema se apresenta: a curiosidade meramente neutra do espírito que procura manter-se à parte nunca será capaz de levar a pessoa a ter uma experiência pessoal com Deus. Para isso, torna-se necessário uma *decisão*, um ato de vontade, que, como tal, não pode depender apenas da razão.

Todo o problema se concentra sobre o “eu creio”. Qual a atitude que sustenta o eu creio? Normalmente, o homem crê naquilo que vê, toca e sente. Deus, contudo, está fora do campo visual e sensorial. Eu não vejo nem toco a Deus. Por isso, é preciso realizar interiormente uma “conversão”, uma virada, “para perceber a cegueira que consiste em confiar apenas naquilo que os olhos veem”. (IC, p. 40). Trata-se aqui de uma verdadeira *Kehre* heideggeriana, de uma viragem ou reviravolta radical, segundo a perspectiva da fé.

Eis o que diz Ratzinger:

Sem essa virada na existência, sem essa resistência à gravidade natural, não pode haver fé. Sim, a fé é a conversão na qual o ser humano descobre que está perseguindo uma ilusão quando se atém exclusivamente às coisas palpáveis. É essa também a razão mais profunda da não demonstrabilidade da fé: esta é uma virada do ser, e só quem se vira pode recebê-la. E, como a nossa gravidade não cessa de puxar-nos numa outra direção, a fé continua sendo uma virada a ser realizada dia a dia, e é somente através de uma conversão que acompanha toda a nossa vida que podemos perceber o que significa dizer: eu creio (IC, p. 40).

Mais adiante, a *Kehre* heideggeriana é citada diretamente: “Na linguagem de Heidegger poderíamos dizer que ela [a fé] indica uma ‘virada’ [*Kehre*] do ser humano como um todo que, a partir desse momento, passa a estruturar constantemente a existência”. (IC, p. 65).

Em Heidegger, a característica principal da virada (*Kehre*) estaria no abandono da analítica do *Dasein* do *Ser e Tempo* para se focar na busca do Sentido do Ser. A partir disso, o pensamento deixaria de ser analítico-científico para se tornar mais poético e não científico, mais próximo inclusive da realidade da fé e das experiências místicas. Todavia, no caso de Ratzinger, a “virada” não é passiva, ou seja, o ser humano não pode ficar esperando o Ser se manifestar, como se esse fosse o seu destino. Ela exige uma decisão do indivíduo e, portanto, tem uma relação intrínseca com a atitude da fé.

A fé sempre teve uma relação intrínseca com a “angústia da liberdade”, com um tipo de ruptura, com um “salto corajoso em demanda do infinito”. (IC, p. 64). Ela não pode se

Victor Cousin, mas com a convicção e a certeza do fiel (IC, nota 06, p. 132; cf. também PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, *op. cit.*, nota 55, p. 101).

adaptar automaticamente às necessidades da existência humana, mas tem que ser “sempre uma decisão que envolve toda a profundidade da existência, exigindo sempre uma virada do ser humano condicionada por uma decisão”. (IC, p. 40), realizada concretamente pelo “salto de fé”. Ora, segundo Kierkegaard, o “Salto de Fé” é uma “categoria da decisão”, da opção fundamental. Não se pode optar pela fé sem saltar¹². Ao fazer isso, ou seja, ao colocar o “salto de fé” kierkegaardiano em sua compreensão da *decisão* cristã, Ratzinger realiza, em nossa opinião, um curioso retorno de Heidegger para Kierkegaard e deste, como se verá agora, para o chamado “Problema de Lessing”.

O famoso “Problema de Lessing” – que tanta dor de cabeça causou a Kierkegaard – é citado por Ratzinger ao tratar da “positividade cristã”, uma das seis “Estruturas da Fé Cristã”, na segunda parte da *Introdução ao Cristianismo* (p. 198-199). A questão foi posta por Lessing no opúsculo *Sobre a Demonstração em Espírito e Força* (*Über den Beweis des Geistes und der Kraft*), publicado no final do século XVIII¹³. Nesse texto, Lessing afirma, resumidamente, que as verdades históricas que aconteceram no passado, como, por exemplo, os milagres e a própria ressurreição de Jesus Cristo, que serviram como prova de fé para os apóstolos e os primeiros cristãos, não podem mais fundamentar a fé do cristão contemporâneo, que não tem mais, evidentemente, acesso direto a esses milagres históricos. Lessing diferencia aqui os milagres realizados por Jesus e pelos Apóstolos dos relatos históricos desses milagres. Os milagres, que são vivenciados diretamente, têm demonstração de *Espírito e Força*, por isso, são aceitos como provas; porém, os relatos históricos desses mesmos milagres, pelo fato de não serem mais experimentados diretamente, não têm mais *Espírito e Força*¹⁴.

A questão para Lessing é que as verdades históricas, como tais, são contingentes, não necessárias, por isso, precisam ser comprovadas pela experiência. Elas são diferentes das

¹² Entre as obras de KIERKEGAARD dedicadas ao problema do “Salto”, pode-se consultar *Temor e Tremor*. Lisboa: Relógio D’Água, 2009 e, principalmente, *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, vol. I, 2013. Para uma visão ampla a respeito do “salto” e do paradoxo da fé em Kierkegaard, ver, por exemplo, GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio*. Kierkegaard e a relação dialética entre razão e fé em *Temor e Tremor*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009 e, do mesmo autor, *Paixão Pelo Paradoxo*. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2006. Sobre a relação do “Salto de Fé” de Kierkegaard com a Aposta de Pascal, ver MARQUES, José da Cruz Lopes. Da Aposta na Existência de Deus à Radicalidade do Salto de Fé. Aproximações entre Pascal e Kierkegaard, in *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, Brasília, v. 5, n. 1, 2017, p. 93-124.

¹³ Cf. LESSING, G. Ephraim. *Escritos Filosóficos y teológicos*. Madri: Editora Nacional, 1982, p. 444-452.

¹⁴ Conforme ressalta MARQUES, José da Cruz Lopes. Da Aposta na Existência de Deus à Radicalidade do Salto de Fé. Aproximações entre Pascal e Kierkegaard. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*, op. cit., p. nota 12, p. 105, a expressão “Demonstração em espírito e força” tem claramente origem na declaração paulina em 1Cor. 2, 4, onde se lê: “E a minha palavra, e a minha pregação, não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração de Espírito e de poder”.

verdades de razão, fundamentadas no princípio de identidade e de não contradição e, portanto, logicamente necessárias. Como tais, elas não precisam ser comprovadas pela experiência nem mudam historicamente, por isso, têm valor eterno. Daí, então, o problema para o cristão: como fundamentar a salvação e a felicidade eterna em verdades históricas que não possuem mais comprovação por “Espírito e Força” nem necessidade lógica? Como passar das verdades históricas não necessárias (relatos sobre milagres e ressurreição) para as verdades eternas não históricas (salvação, imortalidade, felicidade eterna)? A razão iluminista não tem como resolver esse problema. Há aqui um abismo entre o histórico e o eterno que só um “salto de fé” poderia resolver. Diante disso, o cético Lessing, em tom de ironia, afirma que, “infelizmente as suas velhas pernas não lhe permitem mais este salto”¹⁵.

Ratzinger chama esse problema de “quadratura do círculo”¹⁶ da teologia” [*die Quadratur des Zirkels der Theologie*]. Para resolvê-lo, será preciso “mostrar a necessidade intrínseca da aparente casualidade histórica do elemento cristão, a necessidade de sua positividade que nos choca como acontecimento que sobrevém de fora”. (IC, p. 198). Continua ainda Ratzinger: “A oposição realçada por Lessing entre *vérité de fait* (verdade casual dos fatos) e *vérité de raison* (verdade necessária da razão) torna-se superável [*überwindbar*] nesse ponto”¹⁷. A encarnação histórica não pode evidentemente ser considerada como um fato qualquer; trata-se de um *fato absoluto*,

¹⁵ Cf. VALLS, Álvaro. “Apresentação”, in KIERKEGAARD, Sören. *Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 14.

¹⁶ O conceito de quadratura do círculo remete ao pensamento do cardeal Nicolau de Cusa, para quem a relação do intelecto humano com a verdade é de aproximação, não de identidade. Apenas a verdade é idêntica à verdade. Na perspectiva humana, tentar alcançar a verdade é como inserir um polígono no interior de um círculo: quanto mais arestas, mais pontos tocam as bordas do círculo, mas apenas outro círculo igual sobreposto poderia tocá-las em todos os pontos. Conferir a esse respeito THIEL, Detlef. Nicolau Cusano: A quadratura do círculo: política, piedade e racionalidade, in BLUM, Paul Richard (Org.). *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003, p. 60-75.

¹⁷ No original alemão: “Der von Lessing so nachdrücklich betonte Gegensatz von *vérité de fait* (zufällige Tatsachenwahrheit) und *vérité de raison* (notwendige Vernunftwahrheit) wird hier überwindbar”, cf. RATZINGER, J. *Einführung in das Christentum, Vorlesungen über das apostolische Glaubensbekenntnis*. Munique: Kösel-Verlag, 1968, p. 223. Utilizamos aqui o original alemão porque há um erro de tradução da edição de *Introdução ao Cristianismo* publicada pela Loyola: em vez de “superável” [*überwindbar*], consta erroneamente na edição da Loyola o termo “insuperável”, o que torna o texto evidentemente incompreensível (IC, p. 198). Já a tradução da Edição da Herder, de 1970, está correta: “Pode ser superada aqui a antítese tão acentuada por Lessing entre *vérité de fait* (verdade fortuita dos fatos) e *vérité de raison* (verdade necessária da razão)” (p. 126). Pode-se verificar igualmente a tradução italiana, publicada pela Queriniana: “L’antitesi, così energicamente sottolineata da Lessing, tra ‘*vérité de fait*’ (casuale verità di fatto) e ‘*vérité de raison*’ (necessaria verità di ragione) è in questo modo superabile”, cf. RATZINGER, J. *Introduzione al Cristianesimo*. Lezioni sul Simbolo Apostolico. Con un nuovo saggio introduttivo. Bréscia: Queriniana, 2005, p. 259. Vale ressaltar aqui que os conceitos de “Verdade de fato” e “Verdade de Razão”, utilizados por Lessing, referem-se diretamente ao número 33 da *Monadologia* de Leibniz, como lembra VALLS, Álvaro. “Apresentação”, in KIERKEGAARD, Sören. *Migalhas Filosóficas*, op. cit., p. 13-14.

porque foi causado pelo eterno, portanto, deve ser considerada como um fato exterior necessário. Como afirma Ratzinger: “O casual e exterior é o que é necessário ao homem; o seu interior só se abre ao que chega de fora dele. O incógnito de Deus como ser humano na história é ‘necessário’ – com a necessidade da liberdade”. (IC, p. 198-199).

O salto de fé, como decisão individual, não pode ser, nesse caso, direcionado a um Deus distante, separado da história ou, ainda, para o vazio da irracionalidade, como queria Lessing, mas para a positividade histórica, para o *Logos* encarnado, para a Verdade concreta. Assevera Ratzinger: “o que se realiza nesse ato não é uma entrega cega ao irracional. Pelo contrário, é um ir ao encontro do *logos*, da *ratio*, do sentido e, assim, da própria verdade”. (IC, p. 56). Trata-se aqui, repetindo, de um salto para o *logos* histórico, para a razão filosófica, para o Deus dos Filósofos e para o Deus da Fé. É isso que vamos tentar esclarecer agora, na segunda parte de nossa exposição.

2. Deus dos Filósofos e Deus da Fé

A reflexão sobre o tema Deus dos Filósofos e Deus da fé, como diz Ratzinger no início de sua aula inaugural em Bonn, em 1959, é tão antiga quanta a relação Fé e Filosofia¹⁸. Entretanto, sua história explícita tem origem em Pascal, mais precisamente, na experiência que este teve quando escreveu: “Fogo, o ‘Deus de Abraão, Deus de Isaac, Deus de Jacó’ não o Deus dos filósofos e sábios”¹⁹. (IC, p. 107-108).²⁰ Expõe Ratzinger: “Acostumado com a ideia de um Deus totalmente identificado com o pensamento matemático, Pascal teve a sua própria experiência da sarça ardente, que o fez compreender que o Deus que é a geometria eterna do universo [segundo Descartes] só pode sê-lo por ser amor criador e sarça ardente”. (IC, p. 108). A partir de Pascal, o Deus da Fé passou a ser essencialmente sentimento, experiência, coração, vida, em contraposição ao Deus frio e distante dos filósofos.

O teólogo Ratzinger poderia perfeitamente adotar esta posição, a saber, optar simplesmente pelo Deus da Fé em detrimento do saber filosófico de Deus, partilhada por

¹⁸ Cf. RATZINGER, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*. Madri: Encuentro, 2006, p. 08.

¹⁹ O fragmento completo encontra-se em PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 370 [Edição Lafuma, frag. 913].

²⁰ Trata-se do famoso texto do *Memorial*, como costuma ser chamado esse bilhete de Pascal. Ratzinger cita como referência Romano Guardini: o *Mémorial* é uma breve nota, um pequeno relato de uma experiência religiosa, que para sua reprodução não precisa mais de uma página, que Pascal guardou em seu casaco e que só foi encontrado depois de sua morte, cf. GUARDINI, Romano. *Pascal: o El drama de la consciéncia Cristiana*. Buenos Aires: *Emecé Editores*, 1955, p. 25. Sobre isso, ver (IC, nota 02, p. 108).

Schleiermacher, por Karl Barth e por vários teólogos protestantes e católicos no século XX, porém, não é isso o que ele faz. A sua posição a favor da unidade teórica do Deus dos Filósofos e do Deus da Fé, apresentada na aula inaugural em Bonn em 1959, constitui um verdadeiro manifesto do seu pensamento teórico e prático. Ele nunca abandonará essa posição, voltando sempre a ela e, inclusive, fornecendo maiores detalhes e precisões teórico-históricas²¹. Na *Introdução ao Cristianismo*, essa tese já é anunciada no final primeiro capítulo da Primeira Parte:

O Entendimento [*Verstehen*] só pode nascer da fé. É por isso que a teologia, como discurso entendedor à base do *logos* (= racional, sensato-entendedor) sobre Deus, é uma das primeiras tarefas da fé cristã. Nessas circunstâncias baseia-se também o direito inalienável da língua grega dentro do cristianismo. Estou convencido de que, no fundo, não foi uma mera coincidência o fato de a mensagem cristã, na fase de sua formação, ter penetrado primeiro no mundo grego, onde se fundiu com a questão do entendimento e da verdade (IC, p. 58)²².

Cabe ao entendimento filosófico apreender o fundamento, o sentido apresentado pela fé e que, no presente caso, encontra-se justamente no *logos*, o qual, acrescenta Ratzinger, “corresponde até certo ponto ao radical hebraico ‘*mn* (‘amen’) incluindo em seu significado amplo as acepções de palavra, sentido, razão, verdade”. (IC, nota 15, p. 57). Eis a aposta de Ratzinger. Para ele, foi a providência divina que conduziu o *logos* grego à fé hebraica e vice-versa. Esse foi o caminho que Deus providenciou para que a fé

²¹ Ver, por exemplo, o polêmico e famoso discurso de Ratzinger/BENTO XVI aos “Representantes das Ciências”, intitulado “Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões”, na Universidade de Regensburg, em 12 de Fevereiro de 2006. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

²² Como observa ainda Ratzinger, comentando a perícopes de At, 16,6-10: “o Espírito Santo impede Paulo de anunciar o evangelho na Ásia, o Espírito de Jesus não permite que ele viaje a Bitínia; além disso, a visão do macedônio chamando: ‘Passa à Macedônia, vem socorrer-nos’. Esse texto misterioso deve ser uma espécie de primeira tentativa de ‘teologia da história’, com a intenção de descrever a entrada da mensagem na Europa, ‘aos gregos’, como um dever imposto por Deus” (IC, nota 16, p. 58). Desse modo, Ratzinger confirma a tese de Erik Peterson, exposta no artigo *A Igreja [Die Kirche]*: sem o mundo grego e pagão, não existiria a Igreja. Os discípulos seriam apenas um tipo de seita judaica, como tantas existentes em Jerusalém. Para Peterson, o conceito de *Ekklesia* é correlato ao conceito da *Polis* grega. Assim como a *Polis*, a *Ekklesia* é pública, visto que todos os membros da *Ekklesia* são igualmente cidadãos, evidentemente, não da *polis* terrena, mas da *polis* celeste, cf. PETERSON, Erik. “La Iglesia”, in *Tratados Teológicos*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1966, p. 200. Como esclarece o teólogo URÍBARRI, Gabino: “Isso significa que, para Peterson, o conceito de Igreja tem sua raiz na *Ekklesia* antiga da *polis* (não na tradução do *qahal* hebraico, assembleia, por *Ekklesia* nos LXX, cf. “Prólogo”, in PETERSON, Erik. *El monoteísmo como problema político*. Madri: Mínima Trotta, p. 21. É interessante observar que Erik Peterson, teólogo evangélico e depois convertido à Igreja Católica, foi um dos autores que mais influenciaram Ratzinger. Em 2010, em um discurso aos participantes do Simpósio Internacional Erik Peterson, Bento XVI afirma claramente que foi com o livro *Tratados Teológicos [Theologische Traktate]*, de Erik Peterson, publicado em 1951, que ele aprendeu, “de modo mais essencial e profundo o que é realmente a teologia”, ver *Discorso del Santo Padre Benedetto XVI ai partecipanti al Simposio Internazionale su Erik Peterson*, in CARONELLO, G. (org). *Erik Peterson. La presenza teologica di un outsider*. Cidade do Vaticano: Editrice Vaticana, 2012, p. 17-20. Disponível em http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20101025_peterson.html. Acesso em: 10 de dez. de 2023.

fosse liberada de uma certa patologia intrínseca, de uma certa predisposição ao fundamentalismo e à violência. O mesmo sucedeu com a razão. Sem a fé, a razão tenderia igualmente à violência, ao puro cálculo, ao cientificismo positivista²³. O que é preciso fazer é unir Razão e Fé. Como já dissemos, é justamente isso que Ratzinger procurará concretizar em toda a sua atividade teológico-pastoral.

Em relação aos textos bíblicos, o cume desse processo encontra-se nos escritos joaninos e paulinos; entretanto, tem-se início já com a *Septuaginta*, isto é, com interpretação que esta faz dos textos hebraicos, ao traduzi-los para o grego. Como diz Ratzinger: “os tradutores que trabalharam na tradução do Antigo Testamento para o grego viviam sob a influência do pensamento filosófico grego, por isso, leram e interpretaram o texto original à luz desse ideário”. (IC, p. 89).

Um exemplo emblemático dessa influência filosófica na tradução dos LXX se encontra no famoso texto da sarça ardente, Êxodo 3,14: “Eu sou aquele que sou” se transforma na *Septuaginta* no “Eu sou aquele que é”²⁴. Afirma Ratzinger: “o nome bíblico de Deus identifica-se, nessa tradução, com o conceito filosófico. O escândalo do nome, ou seja, do Deus que diz o seu nome, fica diluído na amplidão do pensamento ontológico, a fé é unida à ontologia” (IC, p. 89). A partir disso, o Deus bíblico será visto como o único Ser verdadeiro, o único que realmente é, com todo o seu poder metafísico, diferentemente do poder de todas as outras divindades e de todos os outros mitos e religiões. A influência dessa tradução para o cristianismo será imensa. Os primeiros filósofos cristãos conscientemente optarão pelo Deus dos Filósofos, ao tentar explicar a natureza do Deus Cristão:

Quando surgiu a pergunta, a qual Deus correspondia o Deus cristão, se a Júpiter ou a Hermes, a Dioniso ou a um outro qualquer, a resposta foi sempre: a nenhum deles. A nenhum dos deuses que vocês adoram, mas única e exclusivamente àquele Deus que vocês não adoram, ou seja, àquele ser supremo do qual falam os seus filósofos. Decididamente, a Igreja primitiva pôs de lado todo aquele cosmo das religiões antigas, pois via nele apenas ilusão e engano: em seu lugar colocou a sua própria fé que era explicada do seguinte modo: quando falamos em Deus, não veneramos nem pensamos em nada disso; o objetivo de nosso culto é tão somente o próprio ser, aquilo que os filósofos destacaram como o fundamento de todo o ser, o Deus acima de todas as potências – esse é o nosso único Deus [...]. Essa opção significava a opção pelo *logos*, contra todo e qualquer mito, ou seja, a desmitologização definitiva do mundo e da religião (IC, p. 103-104).

²³ Sobre isso, ver RATZINGER, Joseph. O que mantém o mundo unido. Fundamentos morais pré-políticos de um Estado liberal, in HABERMAS; Jürgen; RATZINGER, Joseph. *Dialética da Secularização*. Sobre razão e religião. Aparecida: Ideias & Letras, 2007, p. 59-90.

²⁴ Seguimos aqui a tradução italiana, cf. RATZINGER, Joseph. *Introduzione al Cristianesimo*. Brescia: Queriniana, 2005, p. 110.

Mais claramente: “A fé cristã optou [...] não pelos Deuses das religiões e sim pelo Deus dos filósofos, isto é, decidiu-se contra o mito do habitual e exclusivamente a favor da verdade do ser mesmo”. (IC, p. 107). Continua ainda Ratzinger: “Foi dessa atitude que nasceu a acusação contra a Igreja primitiva de que os seus adeptos eram ateístas. Pois a Igreja primitiva repudiou, realmente, todo esse mundo da religião antiga, declarando que não podia aceitar nada daquilo que com ele se identificava e afastando de si todas as suas práticas como costumes vazios que se opunham à verdade”. (IC, p. 107).

Entretanto, não é apenas o Deus da fé bíblica que é alterado positivamente pela razão filosófica. O mesmo acontece com o Deus dos Filósofos. Este deixa de ser um Deus matemático, puramente racional, para se tornar igualmente o Deus vivo da Fé. É dessa forma que Ratzinger compreende a experiência de Pascal, anteriormente citada. Para Ratzinger, Pascal não negou de forma absoluta o Deus dos Filósofos, o que ele fez foi dar-lhe uma nova interpretação, diferentemente do que tinha entendido os próprios filósofos: “Nesse sentido existe, portanto, a experiência de que o Deus dos filósofos é totalmente diferente do que pensaram dele os filósofos, sem deixar de ser, no entanto, aquilo que estes constataram a respeito dele, e que esse Deus só é realmente conhecido, quando se compreende que ele, a verdade por excelência e o fundamento de todo o ser, é também indistintamente o Deus da fé e dos homens”. (IC, p. 108).

Essa reinterpretação de Pascal feita por Ratzinger é realmente surpreendente. Em vez da simples contraposição entre o Deus da Fé e o Deus dos Filósofos, Ratzinger vê na fé de Pascal a verdade escondida do Deus dos Filósofos. Trata-se, para ele, do mesmo Deus. Na verdade, é um erro do entendimento e do coração separar o Deus da Fé e o Deus dos Filósofos. Os filósofos pensam que o Ser Primeiro, por ser infinitamente grande e Absoluto, só pode ser matemática pura do Universo, e não sentimento e paixão. Mas, diz Ratzinger, “é justamente nesse ponto que a mensagem do evangelho e a imagem cristã de Deus corrigem a filosofia, ensinando-nos que o amor é mais sublime do que o mero pensamento. O pensamento absoluto é amar; ele não é um pensamento insensível e sim criativo, porque é amor”. (IC, p. 110).

O Amor, portanto, corrige e dá um novo sentido ao Deus dos Filósofos. Esta é a verdadeira “carta na manga” de Ratzinger. A sua compreensão filosófica sobre Deus não poderia se fixar na pura oposição entre o Deus dos Filósofos e o Deus da Fé de Pascal, haja vista, a experiência cristã ser essencialmente amor. É o amor que une em um mesmo Absoluto originário o Deus dos Filósofos e o Deus da Fé bíblica. Conclui Ratzinger: “O logos do mundo inteiro, o protopensamento criador, é ao mesmo tempo amor, ou melhor,

esse pensamento é criador justamente porque, enquanto pensamento, é amor e, enquanto amor, é pensamento. Revela-se nele a identidade original da verdade e do amor que, quanto estão plenamente realizados, não são duas realidades paralelas ou até opostas e sim uma coisa só, a saber, o absoluto único”. (IC, p. 111).

Percebe-se, nessa relação do *Logos* com o amor, a influência do texto *Só o amor é digno de fé*, de Hans Urs von Balthasar, publicado em 1963²⁵. Trata-se, ao que parece, de um mesmo projeto, ambos centrados nos escritos joaninos, porém, no caso de Ratzinger, sem o formalismo estético de von Balthasar. Para Ratzinger, o amor cristão permanece sendo uma opção e, como tal, não pode ser uma mera ideia ou o resultado de um *constructo* teológico. Assim como a fé e o *logos*, o amor pressupõe o salto, um salto para o amor do Pai expresso em Jesus Cristo, conforme afirma Ratzinger/Bento XVI no início da Encíclica *Deus Caritas Est*: “Nós cremos no amor de Deus — deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo”.²⁶

Considerações finais

Para concluir nossa exposição e retornando ao início do texto, podemos perguntar: como conjugar a categoria do salto com a racionalidade da fé? O salto de fé seria apenas um momento a ser superado ou deveria ser considerado como uma categoria essencial para a compreensão da própria fé em Ratzinger?

A categoria do salto remete à questão do escândalo e do absurdo da fé, representada historicamente pela expressão *credo quia absurdum est* (*Creio porque é absurdo*), atribuída a Tertuliano, em contraposição à compreensão puramente racional da fé, propalada pela afirmação *Credo ut intelligam* (*Creio para compreender*), de Santo Agostinho. A posição de Ratzinger é claramente a favor de Agostinho:

Nesse ponto sou decididamente agostiniano. Assim como a criação vem da razão e é racional, a fé, por assim dizer, é primeiro a realização da criação e, por isso, a porta para a compreensão; estou convencido disso. Crer significa, portanto, entrar nessa compreensão e nesse conhecimento. A expressão de Tertuliano – ele gosta muito de expressões exageradas – corresponde à síntese de seu pensamento. Ele queria dizer que Deus se mostra precisamente como paradoxo em relação aos valores do mundo. E aí,

²⁵ Cf. BALTRASAR, Hans Urs von. *Só o amor é digno de fé*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

²⁶ Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

mostra-se de modo divino. Mas Tertuliano era pouco amigo da filosofia; nesse ponto não partilho a posição dele, mas sim a de Santo Agostinho²⁷.

O Cardeal Ratzinger acrescenta ainda, em diálogo com o filósofo italiano Paolo Flores D'Arcais, que os primeiros cristãos não pensavam a fé como um absurdo. É verdade que a Ressurreição gera escândalo, mas eles acreditavam que poderiam “dar razão” da esperança ou “dar conta do *logos*” (*apologein*), como indica a primeira carta de São Pedro 3,15: “... e estai sempre prontos a dar a razão da vossa esperança a todo aquele que a pedir”.²⁸

O Salto de Fé teria sido então superado para Ratzinger? Sim e não. Não, porque se tivesse sido superado, o próprio Cardeal Ratzinger teria dito algo a respeito no prefácio à nova edição da *Introdução ao Cristianismo* em 2000. Sim, porque a fé não pode permanecer na incerteza, no vazio. Como vimos, o salto de fé em Ratzinger é diferente do salto em Kierkegaard e do *credo quia absurdum est* de Tertuliano. Por isso, é perfeitamente possível falar de um “salto ratzingeriano de fé”. De fato, ao contrário de Kierkegaard – e também de Lessing e Tertuliano – o salto de fé para Ratzinger não é, como já foi dito, um salto no paradoxo ou no absurdo, mas no *logos* e no amor, entendidos como frutos da fé. Na verdade, é o salto de fé que possibilita a compreensão, a manifestação da luz do *logos* no mundo. Com efeito, sem o salto no *logos* da fé – que na verdade é o próprio Deus, que permanece em si incompreensível (daí a necessidade do salto) –, não há possibilidade de compreensão. Afirma Ratzinger: “Ao começar por me submeter com fé Àquele que não compreendo, sei que é precisamente assim que abro a porta para a verdadeira compreensão”²⁹. O salto de fé seria então anterior à compreensão, em um momento em que predominaria ainda a incerteza. É dessa forma que Papa Francisco apresenta o salto de fé no início da *Lumen Fidei*, escrita, como afirma o próprio Francisco³⁰, em boa parte por Bento XVI:

[...] o espaço para a fé abria-se onde a razão não podia iluminar, onde o homem já não podia ter certezas. Deste modo, a fé foi entendida como um salto no vazio, que fazemos por falta de luz e impelidos por um sentimento cego, ou como uma luz subjetiva, talvez capaz de aquecer o coração e consolar pessoalmente, mas impossível de ser proposta aos outros como luz objetiva e comum para iluminar o caminho³¹.

²⁷ RATZINGER, Joseph. *O Sal da Terra*. O Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, p. 28.

²⁸ Cf. RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo Flores. *Deus Existe?*. São Paulo: Planeta, 2017, p. 28-30.

²⁹ Cf. RATZINGER, Joseph. *O Sal da Terra*, *op. cit.*, p. 28.

³⁰ *Lumen Fidei*, § 7.

³¹ *Lumen Fidei*, § 3.

A luz objetiva, que é o próprio *logos* da fé, é fundamental, portanto, para o salto de fé. O movimento é duplo: por um lado, o salto não pode ser um puro movimento subjetivo, mas volvido para o *logos* objetivo; por outro, o *logos* e o amor pressupõem sempre o “eu creio”, a “decisão”, a “virada” (*Kehre*) e, enfim, o salto de fé.

Por último, gostaríamos de chamar a atenção sobre um ponto em particular que diz respeito à relação do Papa Francisco com Bento XVI. Já foi dito que o salto de fé para Deus é sempre para o incompreensível, para o infinito (IC, p. 64), posto que “a nossa imagem de Deus e o nosso entendimento da realidade cristã estão fadados ao fracasso” (IC, 109). Ora, diante de tal estreiteza e incapacidade humana de expressar o mistério de Deus, Ratzinger lembra o epitáfio de Santo Inácio, citado por Hölderlin no início de seu *Hipérion*:³² “*Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est* – não ser abarcado pelo máximo, mas deixar-se abarcar pelo mínimo, isso é divino” (IC, p. 109). Deus, enquanto grandeza máxima, não se detém no que é grande, mas se volta igualmente para o pequeno, para o infinitamente pequeno, porque “para ele nada é pequeno demais”. (IC, p. 109)³³. É nesse ponto que aparece a grandeza do amor cristão, capaz de unir em uma mesma realidade o máximo e o pequeno. Esse é o objetivo último da vida e da filosofia cristã, pois, como afirma Ratzinger: “O pensamento absoluto é amar; ele não é um pensamento insensível e sim criativo, porque é amor”. (IC, p. 110).

É curioso observar que nessa mesma época em que Ratzinger refletia sobre o epitáfio de Santo Inácio, Bergoglio fazia o mesmo, a partir dos textos dos Jesuítas Gaston Fessard e Hugo Rahner, conforme informa Massimo Borghesi em sua biografia intelectual do Papa Francisco. Eis o testemunho pessoal de Bergoglio, já como Papa Francisco, falando de sua formação nos anos de 1960:

Impressionou-me sempre uma máxima com a qual é descrita a visão de Inácio: *Non coerceri maximo, contineri tamen a minimo, divinum est*. Refleti muito sobre esta frase em relação ao governo, ao ser superior: não estar restrito pelo espaço maior, mas ter condições de estar no espaço mais restrito. Esta virtude do grande e do pequeno é a magnanimidade, que da posição em que estamos nos faz olhar sempre o horizonte. É fazer as pequenas coisas de cada dia com um coração grande e aberto para Deus e para os outros. É valorizar as coisas pequenas dentro de grandes horizontes, os do Reino de Deus³⁴.

³² Cf. HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou o Eremita na Grécia*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 23.

³³ Nota-se aqui também a clara influência de *A Doutra Ignorância*, de Nicolau de Cusa.

³⁴ Cf. BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio. Uma biografia intelectual*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 37.

A partir dessa constatação, podemos inferir, parafraseando Shakespeare, que, entre o Amor de Bento XVI e a Misericórdia de Francisco³⁵ há com certeza mais coisas em comum do que a nossa vã filosofia é capaz de entender.

Referências

- BALTHASAR, Hans Urs von. *Só o amor é digno de fé*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- BORGHESI, Massimo. *Jorge Mario Bergoglio*. Uma biografia intelectual. Petrópolis: Vozes, 2018.
- BOUILLARD, Henri. *Comprendre ce que l'on croit*. Paris: Aubier, 1971.
- BOUILLARD, Henri. *La logique de la foi*. Paris: Aubier, 1964.
- COSTESKI, Evanildo. A Justiça como Misericórdia. Considerações Filosóficas a partir da *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco. In: FERREIRA, Antonio Luiz Catelan (Org.). *Redescobrir a Misericórdia. Reflexões Interdisciplinares sobre a Misericordiae Vultus*. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 205-222.
- COX, Harvey. *A Cidade do Homem*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- CUSA, Nicolau de. *A Doutra Ignorância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2018.
- DUFLO, Colas. *O jogo: de Pascal a Schiler*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.
- FRANCISCO, Papa. *Lumen fidei*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei_po.pdf. Acesso em: 10 de dez. de 2022.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. *A Palavra e o Silêncio*. Kierkegaard e a relação dialética entre razão e fé em *Temor e Tremor*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- GOUVÊA, Ricardo Quadros. *Paixão Pelo Paradoxo*. Uma Introdução aos Estudos de Soren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- GUARDINI, Romano. *Pascal*. O El drama de la conciencia Cristiana. Buenos Aires: Emecé Editores, 1955.
- HÖLDERLIN, Friedrich. *Hipérion ou o Eremita na Grécia*. Petrópolis: Vozes, 1994.

³⁵ Para uma exposição do conceito de misericórdia no pensamento do Papa Francisco, ver COSTESKI, Evanildo. A Justiça como Misericórdia. Considerações Filosóficas a partir da *Misericordiae Vultus* do Papa Francisco. In: Antonio Luiz Catelan FERREIRA (Org.). *Redescobrir a Misericórdia*. Reflexões Interdisciplinares sobre a *Misericordiae Vultus*. Brasília: Edições CNBB, 2016, p. 205-222.

KIERKEGAARD, Sören. *Ou-Ou – Um Fragmento de Vida* (Primeira Parte). Tradução do dinamarquês, Introdução e Notas de Elisabete M. de Sousa. Lisboa: Relógio D'Água, 2013.

KIERKEGAARD, Sören. *Temor e Tremor*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

KIERKEGAARD, Sören. *Pós-Escrito às Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, vol. I, 2013.

LESSING, Ephraim G. Sobre la Demostracion em Espiritu y Fuerza. In: LESSING, E. G. *Escritos Filosóficos y teológicos*. Madri: Editora Nacional, 1982, p. 445-452.

LUBAC, Henri De. *La foi chrétienne*. Essai sur la structure du symbole des apôtres. Paris: Cerf, 2008.

MARQUES, José da Cruz Lopes. Da Aposta na Existência de Deus à Radicalidade do Salto de Fé. Aproximações entre Pascal e Kierkegaard. In: *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*. Brasília, v. 5, n. 1, 2017, p. 93-124.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Col. “Os Pensadores”).

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PETERSON, Erik. “La Iglesia”. In: PETERSON, E. *Tratados Teológicos*. Madri: Ediciones Cristiandad, 1966.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. Preleções sobre o Símbolo Apostólico. Com um novo ensaio introdutório. São Paulo: Loyola, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Herder, 1970.

RATZINGER, Joseph. *Introduzione al Cristianesimo*. Lezioni sul Simbolo Apostolico. Con un nuovo saggio introduttivo. Bréscia: Queriniana, 2005.

RATZINGER, Joseph. *Einführung in das Christentum. Vorlesungen über das apostolische Glaubensbekenntnis*. Munique: Kösel-Verlag, 1968.

RATZINGER, Joseph. *El Dios de la fe y el Dios de los filósofos*. Madri: Encuentro, 2006.

RATZINGER, Joseph. *O Sal da Terra*. O Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio. Um diálogo com Peter Seewald. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.

RATZINGER, Joseph; D'ARCAIS, Paolo Flores. *Deus Existe?* São Paulo: Planeta, 2017.

RATZINGER, Joseph. O que mantém o mundo unido. Fundamentos morais pré-políticos de um Estado liberal. In: HABERMAS, Jürgen; RATZINGER, Joseph. *Dialética da Secularização*. Sobre razão e religião. Aparecida: Ideias & Letras, 2007, p. 59-90.

RATZINGER, Joseph/BENTO XVI. Fé, razão e universidade: Recordações e reflexões. *Aula Magna da Universidade de Regensburg*

Terça-feira, 12 de Setembro de 2006. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg.html. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

RATZINGER, Joseph/BENTO XVI. *Deus Caritas Est*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html

RATZINGER, Joseph/BENTO XVI. *Discorso del Santo Padre Benedetto XVI ai partecipanti al Simposio Internazionale su Erik Peterson*. In: CARONELLO, Giancarlo. (Org.). *Erik Peterson. La presenza teologica di un outsider*. Cidade do Vaticano: Editrice Vaticana, 2012, p. 17-20. Disponível em língua portuguesa em: http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/speeches/2010/october/documents/hf_ben-xvi_spe_20101025_peterson.html. Acesso em: 10 de dez. de 2022.

SEEWALD, Peter. “Introdução”. In: BENTO XVI. *O Último Testamento*. Em suas próprias palavras. Uma conversa com Peter Seewald. São Paulo: Planeta, 2017.

SEEWALD, Peter. *Bento XVI – A Vida*. São Paulo: Paulus, 2021.

THIEL, Detlef. Nicolau Cusano: A quadratura do círculo: política, piedade e racionalidade. In: BLUM, Paul Richard (Org.). *Filósofos da Renascença*. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2003.

URÍBARRI, Gabino, “Prólogo”. In: PETERSON, Erik. *El monoteísmo como problema político*. Madri: Minima Trotta, 1999.

VALLS, Álvaro. “Apresentação”. In: Sören Kierkegaard. *Migalhas Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

VERGOTE, Henri-Bernard. *Sens et Répétition*. Essai sur l’ironie kierkegaardienne. Tome I e II. Paris: Cerf/Orante, 1982.